

# POETAS DE RUA: A VIA LITERÁRIA NA VIA URBANA

Daniel Viana<sup>1</sup>

---

## RESUMO

Este artigo tem o objetivo de apresentar movimentos e manifestações literárias realizadas em espaços públicos da cidade de São Paulo, colocando em igual protagonismo a rua e os poetas que se apropriam dela para a divulgação de suas criações. Organizamos o texto em dois eixos que se interligam: poesia falada e poesia escrita. Para apresentar as características de cada eixo, optamos por relacioná-las com poetas da cena contemporânea, visando ilustrar também os resultados das práticas literárias no espaço citadino. Articulando um olhar sobre artistas, grupos e poetas de rua, apontamos diálogos entre o passado e o presente, chegando à conclusão de que as manifestações artísticas urbanas são atemporais.

**Palavras-chave:** Poeta de rua. Arte Urbana. São Paulo. Cultura Urbana. Literatura.

## ABSTRACT

This article aims to present movements and literary manifestations carried out in public spaces in the city of São Paulo, placing in an equal role the street and the poets who appropriate from it for the dissemination of their creations. We organized the text into two interconnected axes: spoken and written poetry. In order to present the characteristics of each axis, we chose to relate them to poets in the contemporary scene, also to illustrate the results of literary practices in the city space. Articulating a look at street artists, groups and poets, we point out dialogues between the past and the present, reaching the conclusion that urban artistic manifestations are timeless.

**Keywords:** Street Poet. Urban Art. São Paulo. Urban Culture. Literature.

---

<sup>1</sup> Poeta de rua. Graduando em Letras pelo Instituto Superior de Educação de São Paulo – Instituto Singularidades. E-mail: guardanapospoeticos@gmail.com.

*A poesia está em tudo.*

Manuel Bandeira

Carlos Drummond de Andrade (1902–1987) publica o poema “No meio do caminho” em julho de 1928, na terceira edição da “*Revista de Antropofagia*”, de Oswald de Andrade. A publicação rende duras críticas ao poeta, principalmente direcionadas à redundância e à repetição. Por exemplo, a expressão “tinha uma pedra” aparece em sete dos dez versos. O poeta, um dos mais célebres da literatura brasileira, na teimosia calma de um mineiro, repete o ato e, mais tarde, em 1930, integra o texto ao livro *Alguma Poesia* (FAVA, 2002). A pedra no sapato volta a incomodar e se eterniza, jamais nos esqueceremos.

Drummond não explicita se a pedra é uma rocha ou se é uma metáfora para um sentimento, um momento, um obstáculo, uma ironia, uma sátira, uma pessoa. “É triste explicar um poema. É inútil também. Um poema não se explica” (HILST, 2007, p. 90). Deixando de lado as possíveis explicações, propomos o exercício de transformação simbólica da pedra em um poeta. No meio dos caminhos há poetas, cidadãos comuns que ressignificam o percurso de ir e vir, alguns silenciosos, outros nem tanto, rabiscando seus versos em papéis, aparelhos tecnológicos, máquinas de datilografar, no suporte invisível da memória. Poeta é todo aquele que vê o mundo com poesia.

A literatura nasce das relações cidadinas. A via urbana veste-se de via literária diante dos olhos de um escritor. Neste texto, recortamos o mapa e apresentamos uma reflexão sobre a criação literária produzida no caos urbano brasileiro na contemporaneidade. Consideramos a cidade como um espaço de encontro do passado e do presente, um território além do geográfico que se apresenta em constante mudança enquanto o ocupamos ativa ou passivamente.

Carbonell (2016, p. 15) sintetiza a cidade como “uma fusão de identidades culturais e sociais (...) que se modificam no transcurso do dia e da noite”. Ao realizar essa reflexão, o pesquisador nos apresenta a cidade como um livro vivo, aberto para as múltiplas leituras possíveis.

A cidade é fonte de produção artística, sendo protagonista e plano de fundo de diversas obras. O multiculturalismo presente nas ruas é um prato cheio para os criadores, pois o percurso nunca é o mesmo, uma pequena mudança, como uma árvore recém-plantada na calçada ou uma série de casas de um mesmo quarteirão que vai ao chão em um dia para a construção imediata de um prédio; tornam-se o estímulo aos autores-transeuntes que acompanham as suas transformações e as registram em palavras. O escritor é um fotógrafo do contexto histórico, retratando em textos multimodais os acontecimentos socioculturais de um povo.

Existe uma bifurcação nos caminhos da poesia de rua. Há a via da poesia oral e a via da poesia escrita. Este texto aborda ambos os caminhos, destacando ora um, ora outro, mas sabendo que não há limites para a poesia. A escolha do trajeto do poeta de rua pode se dar por via de mão única ou dupla.

### **Bifurcações: poeta de rua e a palavra falada**

Nosso percurso pela produção poética no caos urbano se inicia pela oralidade, ou seja, começamos pelo caminho da literatura dos poemas recitados, presente em repentistas, frequentadores de saraus, duelos de MCs e batalhas de poesia falada dos *slammers* brasileiros.

Narrar acontecimentos é um dos exercícios mais antigos, a descrição oral de fatos realiza, na interação, uma “pintura de quadros” na mente do receptor, permitindo que a representação seja feita sem a necessidade de ser vista com os olhos. As palavras são a ferramenta para o processo de representação, podendo gerar imagens reais ou fictícias. As culturas e as referências de mundo interferem na imagem criada, de modo que ser o falante ou o ouvinte é sempre uma experiência única (FERRAREZI, 2008).

Há mais de 500 anos, quando os portugueses chegaram de caravelas em Pindorama, nome dado pelos povos originários à terra que posteriormente seria batizada de Brasil, os recém-chegados trouxeram na bagagem, além de seus pertences, a sua cultura. Assim, foram disseminando as tradições orais portuguesas em seus deslocamentos geográficos. As tradições orais portuguesas foram se misturando às tradições e falas dos nativos, gerando novas culturas.

Os versos orais são atemporais, tradições milenares que perpassam os tempos e vão ganhando novas vestimentas. No período do Trovadorismo em Portugal (1198–1418), os poetas eram chamados de trovadores. “Os poetas deviam ser capazes de compor, achar<sup>2</sup> os versos e o som (melodia), isto é, a sua canção, cantiga ou cantar, e o poema assim se denominava por implicar o canto e o acompanhamento musical” (MOISÉS, 1999, p. 24).

Os poetas de rua trazem para a palavra falada o espelho de seu tempo. Traçando uma linha comparativa, podemos refletir sobre as similaridades existentes entre os trovadores medievais lusitanos e os poetas de rua contemporâneos; são galhos de uma mesma árvore, apresentam folhagens próprias, porém, são ramificações de uma mesma semente.

---

2 No norte da França, o poeta recebia o apelativo *trouvère*, cujo radical é idêntico a *trouver* (achar) (MOISÉS, 1999),

A cidade de São Paulo é solo efervescente de realização de saraus, a atividade acontece com o encontro de poetas e artistas diversos, que se reúnem para a fala e escuta das artes em seus mais variados segmentos. Dentre os saraus paulistanos, destaca-se o sarau itinerante ofertado pelos Poetas Ambulantes, coletivo criado em 2012 por jovens periféricos que circulam pelo transporte público ofertando poesia falada e escrita, durante um sarau itinerante. De acordo com o escritor Daniel Minchoni, os Poetas Ambulantes chegam “Acordando cobradores e desacelerando motoristas. Desrespeitando, peitando, desacatando os silêncios cansados. Como tem que ser. Poesia está onde o povo estiver” (MINCHONI, 2013 [s.p.]). A similaridade de abordagem com os vendedores ambulantes que circulam em ônibus, trens e metrô, oferecendo suas mercadorias, não é por acaso. “Os poetas solicitam carona ao motorista, entram pela porta traseira e iniciam o discurso: Eu podia estar matando, eu podia estar roubando, babando no seu ombro, ouvindo música alta sem fone, mas estou aqui humildemente distribuindo poesias.; microfone aberto, o sarau começa” (PEIXOTO, 2013 [s.p.]). O público é convidado a participar do sarau ambulante contribuindo com poemas, canções e interações. A literatura oral pede passagem e segue de carona por todo o caminho.

E a poesia, menina arredia, sem pé nem cabeça, sem orelha, nem ouvidos, desliza marota por entre catras e catracas, mcs e pms, vales e transportes, sinais e sinas, ruas e ruínas. Batendo cartão, comendo pf, fazendo careta na condução e na condição humana. Deixando a condução humana. Mais um, mano. Devolvendo ao povo cansado um pouquinho do que a lida leva. Lembrando que o que eles têm lido pode levar. Além. (MINCHONI, 2013, [s.p.].)

Sem um roteiro pré-estabelecido, os Poetas Ambulantes lidam diretamente com o imprevisto do caos urbano, transformando também as vivências e situações dos locais de passagem em mote para novos textos orais que são preparados para serem recitados em uma próxima passagem ambulante ou para futuras publicações impressas.

Os saraus podem acontecer em qualquer lugar, ocupam espaços públicos e privados: museus, teatros, galerias de arte, centros culturais, centros comunitários, escolas, asilos, igrejas, ONGs, quadras de esporte, praças, ruas, esquinas, calçadas, transportes públicos ou até olho no olho, embaixo de um guarda-chuva. O poeta Giovani Baffô, transforma um guarda-chuva estilizado em uma mini arena ambulante para apresentar “O menor sarau do mundo”, um sarau itinerante onde a palavra é o astro principal. Criada em 2008, a atividade apresenta a miudeza também nos

textos recitados, o poeta compartilha poemas curtos de sua autoria. Nas- cido na favela do Morumbizinho, na Zona Oeste paulistana, Baffô é uma das referências da amplitude que as ruas podem alcançar com um poema compartilhado. Autor do poema “Em casa de menino de rua o último a dor- mir apaga a lua.” (BAFFÔ, 2010, p. 34), o poeta vê seu texto circular pela internet e por inúmeras pichações urbanas sem a citação que o referencie ou sendo compartilhado como “autor desconhecido”. As pichações deste poema ilustram de barracos das favelas brasileiras aos muros de Lisboa, em Portugal<sup>3</sup>, simbolicamente Baffô devolve aos colonizadores o resultado de uma história regada à mão de obra escravizada dos seus antepassados.

A abolição da escravatura no Brasil, ocorrida em 13 de maio de 1888, não promoveu justiça social para o acesso dos libertos ao mercado de tra- balho, refletindo em uma precarização que se estende até os dias de hoje. A pobreza que ocupa as favelas brasileiras tem cor e história, é preta e descendente de escravizados africanos, trazidos para o Brasil para a serventia de senhores de engenho, por um período de quase 400 anos. Traçando uma linha do tempo, as favelas representam o “entre”, histori- camente, o surgimento das favelas reside entre as aldeias quilombolas e o conceito de periferia.

Por mais que tentem apagar com uma borracha branca o sofrimento histórico do povo preto e pobre, as tradições orais não nos permitirão es- quecer. As vozes dos que foram impedidos de serem letrados, para narrar suas memórias em primeira pessoa, ecoam nas vozes dos poetas contem- porâneos, seus descendentes. Em competições de poesia falada, a poeta e *slammer* Lu'z Ribeiro, encaixa na sua boca a invisibilidade das narrativas pretas silenciadas:

queriam-me invisível  
fui voz para ecoar o meu destino  
ser poeta é trazer consigo o legado  
de tantos que foram extintos

transformar lacunas  
em narrativas  
é ouvir palavras brancas antigas  
e construir novas histórias, mandinga

descolonizar  
o pensamento

---

3 *Pixo* de Baffô em Portugal: <<https://sol.sapo.pt/artigo/639219/-em-casa-de-menino-de-rua-o-ltimo-a-dormir-apaga-a-lua->>. Acesso em: 18 jun. 2020.

a linguagem  
os afetos  
acreditar nos sonhos  
e guardá-los cada vez mais perto

queriam-nos invisibilizados  
mas somos memória  
ter no código genético  
anseio a glórias

não esquecer de quem lutou pra se manter vivo  
que hoje vivas estejamos  
projetar futuro e almejar  
: manter-se vivo, viva, vive  
sem que isso seja um privilégio

(RIBEIRO, 2019)

Ribeiro venceu a edição de 2016 do *Slam* BR, sendo uma das representantes brasileiras que já participaram da Copa do Mundo da França de Poesia Falada. O *Poetry Slam* ou *Slam*, criado pelo poeta Marc Kelly Smith, surgiu na década de 1980 em Chicago, nos Estados Unidos, mas só chegou no Brasil em 2008, em São Paulo, por meio do ZAP! – Zona Autônoma da Palavra, idealizado por Roberta Estrela D’Alva, atriz, pesquisadora, produtora cultural e poeta brasileira. Em formato misto entre o jogo e o entretenimento, o *slam* tradicional tem regras próprias que devem ser respeitadas: poemas autorais, com duração máxima de 3 minutos, apresentados sem aparatos cênicos (figurino, adereços, trilha sonora ou acompanhamento musical). O júri é escolhido aleatoriamente em meio ao público que acompanha a atividade, atribuindo notas de 0 a 10 para a performance do poeta-*slammer* (NASCIMENTO, 2012).

O aquecimento das batalhas de poesia falada é o microfone aberto, qualquer pessoa pode ocupar o centro da roda e se expressar artisticamente, livremente, politicamente, democraticamente. O microfone, objeto que tem na sua funcionalidade amplificar as ondas sonoras, dilata na arena da competição, também, as vozes de corpos socio-historicamente silenciados. O *slam* exerce uma função de encontros multiculturais e intergeracionais, preenchendo a lacuna da necessidade de fala e escuta.

O interesse do público está além da batalha e do enfrentamento poético, a fórmula que atrai os frequentadores é a união de poesia, performance e críticas sociais. O *slam* brasileiro apresenta participação massiva da periferia, corpos que transformam em palavra dita os reflexos sociais de

um país racista, machista, lgbtfóbico. O movimento de *slam* virou berço de uma série de poetas da cena cultural contemporânea, além de ser uma marca da cultura e literatura produzida nas periferias das cidades.

A retomada do espaço público para ações políticas do povo resgata a origem da ágora grega, local onde os cidadãos participavam ativamente das decisões políticas. “A participação dos cidadãos, seja na política ou nos jogos, configurava a divisão entre o espaço público, *pólis* (a cidade, que abrigava a comunidade organizada, formada pelos cidadãos: *politikos*) e a *oikos* (o espaço da intimidade)” (RODRIGUES apud COIRO-MORAES; FARIAS, 2017, p. 77).

Oposta às origens norte-americanas, o *slam* com um “jeitinho brasileiro” rompeu as paredes do espaço privado e ganhou as ruas. O *Slam* da Guilhermina, realizado desde 2012, ocupa o pioneirismo brasileiro do movimento no espaço público. Sob a luz de um lampião, o evento reúne centenas de pessoas ao ar livre, toda última sexta-feira do mês, na porta de entrada e saída da Estação Guilhermina–Esperança, linha Leste–Oeste do metrô da cidade de São Paulo.

Outro coletivo que se destaca pela visibilidade e presença numerosa de poetas de rua é o *Slam* Resistência. Realizado na região central da cidade de São Paulo, na Praça Roosevelt, reúne espontaneamente cerca de 800 pessoas em uma noite de segunda-feira para ouvir poesia falada. Ampliando ainda mais a voz dos poetas participantes, o *Slam* Resistência registra as performances em audiovisual e compartilha nas redes sociais, alcançando milhares de visualizações e compartilhamentos (REDE TVT, 2017). Desta forma, o espaço público adentra o espaço privado, os versos urbanos de contestação, protesto e denúncia se espalham. A voz do poeta de rua repercute além do encontro presencial para celebrar a palavra.

Nesse movimento de vice-versa entre os espaços públicos e privados, retornamos ao *slam* símbolo de rompimento usando a palavra como ferramenta: o *Slam* da Guilhermina. A partir de 2014 o coletivo rompe também os muros da escola e cria o *Slam* Interescolar, preparando jovens e crianças para a poesia falada, fomentando a produção literária e a oralidade poética. Nas palavras de Emerson Alcalde, *slammaster* e idealizador do evento: “No primeiro ano foram 4 escolas, depois 20 escolas, depois 40 e em 2018 foram 53 escolas participantes. Foi um processo rápido de evolução” (SLAM, 2019). Segundo Carbonell (2002, p. 101): “A instituição escolar, não obstante, constrói todo tipo de muros para preservar a cultura escolar de todo contato e contaminação do entorno, é a imagem da escola fortaleza, do campo reservado ou da ilha que se sente constantemente ameaçada por qualquer força exterior que trate de penetrar nela”.

Através da poesia, os *slammers*-estudantes olham além dos muros da escola, seguem uma via de mão dupla na educação, das ruas para a escola e da escola para a rua, unindo a educação formal e não formal, ou seja, conciliam a aprendizagem escolarizada com a aprendizagem “no mundo da vida” — através de compartilhamento de experiências em espaços cotidianos (GOHN, 2006).

Outro movimento que encontra nas ruas o seu campo de criação e divulgação é o Duelo de MCs. Os duelos representam um dos eixos do universo hip-hop, trata-se de uma cultura essencialmente de rua. Geralmente organizados em roda para a batalha de rimas, os MCs, como são chamados os competidores, trocam rimas improvisadas seguindo as regras pré-determinadas. Há algumas modalidades de competição, o “Duelo Tradicional é o embate ofensivo de “rimas” entre dois MCs, em que cada um tem aproximadamente 45 segundos para atacar o outro” (MARQUES, 2013, p. 70).

“É no rap ou no repente/ É na batida do pandeiro/ Sou poeta brasileiro/ E a minha vida é cantar/ E na poesia que eu faço/ Eu nasci para improvisar” (TRAMA TV, 2009). Trocando os *beats* e o *flow* dos MCs por um pandeiro e/ou uma “viola dinâmica”, chegamos à figura dos repentistas ou cantadores, em outras palavras, poetas populares itinerantes que circulam de região em região levando na bagagem seus instrumentos musicais para improvisarem os seus versos. A visibilidade dessa tradição oral não está na afinação do cantador ou na perfeição do ritmo sonoro do instrumento musical, o que prende a atenção do público é a originalidade e agilidade em criar “de repente” um verso rimado sobre qualquer assunto. Os cantadores apresentam-se sozinhos ou trocam versos com outro repentista, o chamado “desafio”.

Diante das andanças pelas estradas do país, os cantadores logo chegaram à capital paulista. A tradição medieval dos trovadores com sotaque nordestino foi acolhida com olhar de novidade, conquistando público e visibilidade.

Com a migração de muitos nordestinos para a cidade de São Paulo, a cantoria se tornou uma tradição conhecida em todo o Brasil, a partir da mídia massiva que a capital paulista dispõe. Também foi a partir de São Paulo que os cantadores começaram a adotar uma viola de dez cordas criada pelos fabricantes e comerciantes de instrumentos Del Vecchio, a chamada “viola dinâmica”, com seus característicos bocais de metal, inspirada em modelos americanos das fábricas National e Dobro, diferentes apenas pelo corpo do instrumento, fabricado em metal. A viola dinâmica de dez cordas se tornou um símbolo dos cantadores, especialmente a partir da década de 70 do século XX. (SANTIAGO, 2020.)

No percurso de ir e vir no espaço citadino, os poetas circulam atentos aos sinais. Quando o sinal vermelho do semáforo acende, os carros param e a vida continua, nos segundos de aguardo dos motoristas ou nos passos apressados dos pedestres, os Poetas do Tietê realizam a intervenção “Poesia na Faixa”. Munidos de megafones, microfones ou no gogó, recitam versos curtos, imediatos, urgentes. Pode parecer pouco, uma pílula de poesia falada no dia, mas faz a gente pensar “fora da caixa” e modifica o ritmo do passo para seguir adiante (D’AURIA, 2014).

No percurso intimista da poesia oral surgem os trabalhos do poeta de rua Daniel Viana, mineiro, radicado em São Paulo, criador da [CUBO] – Microbiblioteca de Micronarrativas Brasileiras e do projeto Guardanapos Poéticos, que une literatura, performance e rua. A revista *Bons Fluidos* descreve brevemente o poeta e seu principal trabalho, “Troco um caso por um conto”, realizado desde 2012:

Em plena agitação da metrópole paulistana, histórias reais viram contos e poemas. Desde menino, o artista Daniel Viana, mineiro de Poços de Caldas, gosta de observar pessoas e inventar histórias para elas. A brincadeira cresceu, mas não deixou de ser jogo, movido pela seguinte curiosidade: “Como seria transformar de imediato em poesia ou conto curto uma história real?”. Para descobrir isso, ele leva mesa, cadeiras, máquina de datilografar e guardanapos às ruas da capital paulista, onde mora atualmente. E lança aos transeuntes a proposta: “Troco um caso por um conto”. (MELLO, 2014, p. 11.)

Praticante constante da poesia de rua intimista no caos urbano, Viana é criador de outras intervenções com interação e produção de poesia ao vivo. Como é o caso da atividade “Doação – Aceito Roupas e Histórias”, também conhecida como “Vestido de Poesia”, realizada no ano de 2016, quando o poeta ficou durante uma semana no mesmo local recebendo pessoalmente peças de roupas para doação. Ao serem recebidas, surgia o convite de compartilhamento de memórias da vestimenta, afinal, “Qual história a roupa doada carrega?”. Os depoimentos eram colhidos e posteriormente transformados em poemas curtos, datilografados em tecidos, que se transformavam em uma etiqueta poética da peça. De modo que quem recebesse a peça doada pudesse também ser contemplado com uma amostra de história da vestimenta. Antes de seguirem para doação, as peças com as etiquetas datilografadas ficaram expostas no Sesc Ipiranga, integrando a programação do evento #ForadaModa, realizada no ano de 2016, que discutia a moda como arte e cultura do povo.

No meio do caminho... encontramos os orelhões telefônicos que perderam suas utilidades funcionais com a chegada acessível dos aparelhos de telefonia remota, os poucos restantes nas ruas são alvo de vandalismo,

não funcionam ou servem de classificados para a propaganda de prostituição na metrópole paulista. Assim, surge a intervenção poética “Poeminha Para Puta”, onde Viana aproveita as informações contidas nos anúncios das profissionais do sexo para criar poemas dedicados às anunciantes. Com um cartão de telefone e utilizando os orelhões resistentes à depredação, o poeta liga para a anunciante e declama os versos. Os poemas não são eróticos, e o poeta não se identifica durante a ligação. O orelhão, objeto urbano, é ressignificado e torna-se, por um curto espaço de tempo, um transmissor de poesias para as profissionais do sexo. O título da intervenção é marcado pela palavra poema no diminutivo: poeminha, representando a estrutura do texto, poemas curtos e breves. Outra marca do título é referente ao gênero das anunciantes, mulheres cisgênero e transgênero, inspirações para os poemas recitados.

A luta pela sobrevivência é um dos cenários da paisagem urbana, pelas ruas circulam a multiplicidade de corpos, dentre eles, corpos dissidentes, marginalizados, invisibilizados. Na rua também mora a malandragem, os atos ilícitos, a violência policial, a tensão e o perigo — oposta à casa, que consideramos terreno seguro e privado. A rua para muitos também é casa, caixa de papelão é cama e teto, saco de lixo é cobertor. A rua acolhe, mas também agride. A rua é incontrolável. A rua prende, te faz refém, abandona. A rua é singular e plural. A voz do poeta que opta pela rua é abafada facilmente, consumida por carros, construções, buzinas, músicas, aglomerações. A voz do poeta no caos urbano é como o canto de pássaros, é preciso estar disposto para ouvi-la.

#### **Bifurcações: poeta de rua e a palavra escrita**

A voz do poeta de rua, sonora e audível, carregada de identidade oral, ganha outras vozes pelo viés da palavra escrita. Nosso percurso pela produção e divulgação poética no caos urbano segue agora pelo caminho das produções gráficas, presentes em pôsteres de lambe-lambe, pichações, grafites, estêncil arte e *sticker art*.

Para melhor compreensão do texto, apresentamos o Quadro 1, que define brevemente as manifestações artísticas abordadas.

**Quadro 1.** Manifestações Artísticas Urbanas.

<b>Manifestação artística</b>	<b>Descrição breve</b>
Grafite ou <i>Graffiti</i>	Ilustrações aplicadas em diversos suportes com o uso de tintas, aerossol (sprays) ou não.

Pichação ou <i>Pixo</i>	Inscrição caligrafada ou desenhada, aplicada em diversos suportes com o uso de tintas, aerossol (sprays) ou não.
Estêncil ou Estêncil Arte	Ilustrações ou inscrição caligrafada criada com corte ou perfuração em papel ou acetato. Aplicado através de tintas, aerossol (sprays) ou não.
Pôster Lambe-lambe ou <i>Lambe</i>	Cartazes reproduzidos com imagens ou inscrições, geralmente fixados com cola artesanal de farinha ou de polvilho, devido ao custo reduzido.
<i>Sticker art</i>	Etiquetas adesivas impressas ou artesanais com ilustrações ou frases.

Das pinturas rupestres ao grafite. Dos hieróglifos egípcios ao *pixo*. Do Saint-Flour<sup>4</sup> ao pôster lambe-lambe. Dos elementos naturais à tinta aerossol. Dos papéis orientais usados nos Jianzhi<sup>5</sup> e Kirigami<sup>6</sup> ao acetato das chapas de raios X usados no estêncil arte. Nosso presente dialoga diretamente com as expressões dos nossos antepassados. Utilizar as paredes para registrar a cultura de um povo é uma prática popular pré-histórica.

Segundo Carbonell (2016, p. 14):

A cidade é um livro aberto em que se condensam um passado e um presente forjados pelas transformações lentas ou rápidas, em todos os âmbitos da vida laboral, familiar e social, em que se mostram diversas formas de distribuir, ocupar, substituir e apropriar-se de um espaço.

Sendo um “livro aberto”, a cidade nos permite ler e escrever histórias durante nossos deslocamentos. Narrar histórias está além da palavra dita e/ou escrita, a narrativa também se dá através dos signos visuais. Os textos verbais e não verbais estão presentes no nosso cotidiano. Em outras palavras, o principal diferencial entre o *pixo* e o grafite é o texto. Enquanto o *pixo* se apropria da grafia, ou seja, do texto verbal; o grafite utiliza a junção de textos verbal e não verbal. Dito isto, ressaltamos que este texto apresenta o recorte de seleção de artes urbanas poéticas que se apropriam dos textos verbais em seus resultados.

Os letrados de propaganda resultantes da Revolução Industrial mesclam arte e comunicação. A arte gráfica urbana poética se apropria desses suportes (cartazes, panfletos, placas etc.) para expor os textos. A escolha de textos curtos não é por acaso, os poetas de rua dialogam com a urgência

4 O primeiro cartaz conhecido é o de *Saint-Flour*, de 1454, manuscrito e sem imagens (SILVA, 2015, p. 41).

5 Arte de cortar papel praticada na China desde pelo menos o século 6 (SERIGRAFIA, 2020).

6 Arte de dobras e cortes em papel, praticada no Japão desde 610 (ibidem).

dos transeuntes, gerando uma comunicação breve proposta pela visualização repentina. A micronarrativa trabalha com a essência da narrativa, oferta ao leitor lacunas para serem preenchidas por referências próprias, as poucas palavras são escolhidas a dedo possibilitando o *macro* da *micro*.

Em vez de situar a questão ética no cerne da elaboração da estrutura narrativa, a prosa contemporânea parece desenvolver novos formatos, que colocam o leitor imediatamente diante da imagem narrativa, devolvendo ao texto a riqueza sensível do texto modernista experimental, mas agora trabalhado na clave de uma aproximação às questões humanas mais dramáticas da realidade descrita. (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 94.)

Andar nas ruas e ter o pensamento cotidiano interrompido por palavras expostas, desorganizadas ou sabiamente colocadas sobre o cinza das cidades reelabora as narrativas dos dias, aproxima o texto escrito de uma série de sentimentos e, assim, da humanidade de quem o percebe e o lê. Muitos são os atravessamentos causados pelas palavras, podendo promover desde um encanto momentâneo até uma inquietude interna, incômodos ou mudanças radicais de pensamentos e modos de vida.

Pregando “Amorrrr palavra que liberrrrta”<sup>7</sup>, o Profeta Gentileza (1917–1996), um dos célebres “poetas de rua” do século XX, realiza em 1980 o seu maior feito: 56 pilastras com seus inscitos, no Viaduto do Gasômetro, na cidade do Rio de Janeiro. As pilastras ilustram 1,5 quilômetro de percurso, vai do Cemitério do Caju até o Terminal Rodoviário do Rio de Janeiro. Os murais permaneceram no espaço citadino até o ano de 1997, quando “a Companhia de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro, com poucas referências para distinguir a arte da sujeira (...), jogou cal sobre as escrituras do Profeta. A arte de Gentileza que, outrora dialogava com a cidade, ficou adormecida e coberta de tinta” (OLIVEIRA, M. J., 2005, p. 12). O ato rendeu indignação popular e serviu de inspiração para trabalhos artísticos de vários segmentos, dentre eles, a composição musical nomeada “Gentileza”, de Marisa Monte: “Apagaram tudo/ Pintaram tudo de cinza/ A palavra no muro/ Ficou coberta de tinta (...) Só ficou no muro/ Tristeza e tinta fresca” (MONTE, 1999). Coordenado pelo professor e pesquisador em arte e cultura Leonardo Guelman, o “Projeto Rio com Gentileza” realizou a restauração das pilastras, recuperando toda a obra gráfica do Profeta (poeta) urbano. O restauro findou no ano 2000, na ocasião, os murais foram tomados pelos órgãos de proteção do patrimônio histórico do Rio de Janeiro.

A valorização do trabalho realizado por Gentileza não foi aplicada na capital paulista quando houve o apagamento do “maior mural de grafite

---

7 Mural nº 46, Profeta Gentileza (GUELMAN, 2000).

a céu aberto da América Latina”, em 2015, por decisão do então prefeito, João Dória. O mural, situado na avenida 23 de Maio, abrigava trabalhos de duzentos grafiteiros e pichadores, por uma extensão de aproximadamente 5,4 quilômetros (DORIA, 2017). Processados por essa intervenção, o prefeito e a Prefeitura de São Paulo foram condenados a pagar “uma indenização no valor de 782 mil reais por atos administrativos ilegais e inconstitucionais” (OLIVEIRA, T. R., 2019).

Entre os trabalhos apagados no “Mural da Avenida 23 de Maio”, estava um grafite inspirado em Candido Portinari (1903–1962), realizado por Daniel Minchoni e Eveline Sin, poetas da palavra e da imagem. Minchoni transita entre o grafite e o *pixo*, entre a performance e o teatro, entre o audiovisual e o áudio e o visual, entre a oralidade e o texto impresso; não é um nem outro.

Minchoni assina a direção e arte do clipe “Madrugada”, do *rapper* Mano Money’s, idealizado pelo selo do burro (MINCHONI, 2015). A obra apresenta a “legenda pixada” da canção, com variações inventadas a partir das referências do artista com *pixos* do espaço citadino.

O *pixo* é uma arte urbana que integra milhares de pessoas no movimento, somente na cidade de São Paulo, estima-se, atuam mais de 7 mil grupos. Cidadãos que atravessam gerações deixando pelos muros a sua marca registrada. Enquanto a cidade dorme, os riscos aparecem em lugares considerados improváveis, os “berros gráficos” da população do centro que não compreende o que as letras dizem dividem o espaço com o olhar silencioso da periferia que “bate o olho e já entendeu tudo” (CHOQUE, 2010).

A interferência artística em fachadas e muros com as artes visuais na cidade divide as opiniões dos cidadãos, sendo considerada por alguns como a legítima arte urbana e por outros como atos de vandalismo e depredação. Atualmente, a arte do grafite é benquista dentro e fora do país, destacando e dando visibilidade à arte visual de rua *made in Brazil*. O mesmo não ocorre com a arte do *pixo*, as pichações são consideradas como arte subversiva, periférica e marginal. A diversidade de cores que colorem as paisagens urbanas também separa por cor o branco e o preto, no caso, o povo. Considerados vândalos, os pichadores, na sua maioria pretos e pobres, sofrem represálias que vão do espancamento à prisão. Por outro lado, “alguns grafiteiros, em sua maioria brancos e de classe média, expõem seus trabalhos em galerias ou são convidados para pintar em espaços públicos” (SOUZA, 2018, p. 83). A lata de spray é a mesma nas mãos de ambos, brancos e pretos produzem grafite e *pixo*, mas a leitura da cor de sua pele interfere na abordagem e no tratamento.

Geralmente, quando citamos as manifestações culturais das artes de rua, é criado um imaginário masculino, de homens que, movidos pela

coragem, realizam tais atos, como pichação, estêncil, *lambes*, *sticker arts*. Desconstruindo essa imagem, optamos por apresentar nos próximos parágrafos somente referências femininas, artistas e poetas de rua que usam a paisagem urbana como páginas de um livro vivo para compartilhar seus textos, suas artes e suas histórias. Afinal, “a rua” apresenta o artigo definido de gênero feminino.

Anna Zêpa, potiguar radicada em São Paulo, artista nas expressões de literatura, cinema e teatro, apropriando-se da arte do estêncil foi distribuindo (e dividindo) seus *micropoemaexistencialistas*<sup>8</sup> por ruas de Perdizes, bairro paulistano. Posteriormente, os textos foram fotografados por Micaela Wernicke para compor o livro *aconvivênciadossossorastros*, obra que reuniu os 25 estênceis da poeta, publicado pelo selo doburro. De acordo com Marcelino Freire, na apresentação do livro: “A poesia de Anna Zêpa é toda doação. Curta mas não pequena. Quando o muito é pouco” (FREIRE, 2015 [s.p.]). Uma das curiosidades do projeto gráfico é a capa composta por uma página em branco, a autora utiliza um estêncil com o título da obra para interferir na brancura da folha, imprimindo seu rastro, ressignificando seu gesto.

Lâmia Brito, poeta, paulistana, desde que começou frequentar ambientes urbanos de encontro para poesia falada, iniciou também uma trajetória de *pixos* poéticos. Foi transformando a rua em uma página cinza pronta para receber suas criações. Brito *pixa*, pelas ruas de São Paulo, poemas curtos ou trechos de poemas maiores, de sua autoria. A palavra-poema riscada na rua, posteriormente encontra na página de um livro impresso uma nova moradia. Alguns dos seus *pixos* compõem o livro autoral *Todas as funções de uma cicatriz*, lançado em 2017 pelo selo doburro. Outros versos ocupam somente as páginas urbanas, como é o caso de: “Esse céu se parece com seu rosto ao acordar”<sup>9</sup>, *pixo* realizado no elevado Presidente João Goulart, popularmente conhecido como Minhocão, uma via expressa elevada da cidade de São Paulo. Num rápido instante de leitura, ao lê-lo, o transeunte sente-se convidado à verticalizar o olhar e buscar no céu a lembrança de um rosto que carrega na memória.



8 Expressão utilizada pela artista.

9 Imagem compartilhada durante entrevista cedida a Daniel Viana, em rede social.

De memória é feita a obra de outra poeta, Ryane Leão, cuiabana, radicada na cidade de São Paulo. Leão iniciou em 2008 a divulgação dos seus textos autorais espalhando pôsteres lambe-lambe pelas ruas da cidade. Em entrevista cedida à pesquisadora Jéssica Balbino, a autora declara:

Não consigo imaginar o meu projeto sem estar na rua. Eu preciso que a minha poesia seja mais pública. A internet ela me dá uma voz, e a rua me dá outra voz, eu gosto da junção das duas. Sem as duas eu não sou quem eu sou. Então eu preciso estar nos muros e nos postes e onde mais der. Só não propriedade privada, porque não pode. (BALBINO, 2016, p. 238.)

O pôster lambe-lambe faz parte das novas linguagens da arte urbana contemporânea, porém tem sua origem no final do século XIX com o advento da indústria de impressão em massa, que possibilitou a criação de uma nova mídia: o pôster/cartaz (LAMBE-LAMBE, 2020). Os pôsteres ganharam visibilidade com as propagandas de eventos artísticos e políticos, mas foi com a divulgação dos circos com espetáculos itinerantes que a mídia os disseminou, por sua praticidade e baixo custo. Os artistas se apropriaram da estética dos *lambes* urbanos e começaram ofertar ao público além de propagandas, artes visuais e poéticas.

A identidade visual do trabalho de Ryane Leão ajudou a criar uma marca própria da poeta, espécie de “assinatura urbana”, são impressões simples em sulfite A4, com tipografias que imitam máquina de escrever, compartilhando poemas curtos autobiográficos que abordam empoderamento feminino e ancestralidade.

Dentre as artes de rua há uma expressão minimalista, os *sticker arts*, que se refere à etiquetas adesivas com ilustrações ou inscrições gráficas. Essa arte teve início nos anos 1990 nos Estados Unidos, surgiu como forma de decoração em lojas e centros comerciais, mas aos poucos foi ocupando também o lado de fora das lojas: postes luminosos, placas de trânsito, hidrantes, portas de estabelecimentos etc. Os *sticker arts* ou adesivos fazem parte do cotidiano de quem transita pela metrópole paulistana.

A serigrafista paulistana Kato<sup>10</sup> é uma das artistas que decoram as ruas com suas criações, *lambes* e *sticker arts*, em que a palavra é protagonista. Influenciada pela poesia concreta de Paulo Leminski (1944–1989) e Augusto de Campos, Kato cria adesivos gráficos brincando com a palavra “amor” e suas infinitas formas de representação visual, estruturando o texto poético escrito a partir do espaço do seu suporte. A poesia concreta

---

10 Saiba mais em: <[https://www.instagram.com/k.a.t\\_o/](https://www.instagram.com/k.a.t_o/)>. Acesso em: 22 jun. 2020.

no concreto poético da cidade permite ao leitor encontrar novidades em um percurso rotineiro e nas possibilidades gráficas das palavras.

Kato brinca com as letras assim como uma criança quando descobre que uma vírgula separa as palavras, mas não separa o sentido do que é dito até o final da oração ou do período.

Todo poeta de rua, menino-menina-*menine*<sup>11</sup>, é um brincante. Todo poeta de rua carrega no olhar um traço que falta na rotina, um ponto final que, se pula três vezes, vira eternidade. O pedaço de tijolo ou de giz que risca o chão na infância vira uma lata de spray ou um rolo de espuma coberto de tinta que colore os muros e fachadas na adultice. Todo poeta de rua é travesso, vê o mundo do avesso, porque sim, não precisa de explicação. Todo poeta de rua é... “uma pedra no meio do caminho” (DRUMMOND DE ANDRADE, 2002).

### Considerações finais

As manifestações das artes no espaço citadino são atemporais, buscamos apresentar referências comparativas que ilustram o diálogo entre o passado e o presente, considerando a influência das culturas dos povos.

A pluralidade de influências culturais é espelho da pluralidade de poetas de rua, o recorte foi necessário e se deu pela escolha de utilizar resultados poéticos no espaço urbano da capital paulista, no entanto, ressaltamos a riqueza cultural de nosso povo além do território estudado. Os poetas de rua escolhidos para ilustrar as manifestações culturais apresentadas no decorrer deste texto representam uma pequena parcela de um grande número de nomes que escolhem a cidade como suporte para exposição de suas criações literárias.

Consideramos o multiculturalismo presente na capital paulista como foco, mas visamos futuras pesquisas com maior abrangência territorial. De acordo com o IBGE: “A cidade de São Paulo é a mais populosa do Brasil, do continente americano, da lusofonia e de todo hemisfério sul” (apud SÃO PAULO, 2020), e possui também caráter cosmopolita, pois é construída por cidadãos naturais, migrantes, imigrantes, emigrantes e refugiados.

Este texto buscou apresentar poetas da cena cultural paulistana que usam a rua como lugar de criação e exposição literária, apoiando-se em movimentos milenares que ganham novas vestimentas na contemporaneidade.

---

11 *Menine*, com “e”, refere-se à linguagem neutra de gênero, visando uma comunicação mais inclusiva, respeitosa e abrangente.

Empenhamo-nos em construir um material que apresentasse a diversidade de possibilidades de troca entre o poeta de rua e o público, através da performance e da intervenção urbana, gerando resultados efêmeros ou temporários, seguindo o fluxo de urgência e hibridismo que o espaço urbano proporciona.

O poeta, corpo presente na rua, desconstrói a aura sagrada do escritor como um ser intocável, cultuado, distante. É o poeta possível, com voz própria, um cidadão comum, um operário da palavra. São homens e mulheres que teimam em espalhar seus poemas pelas ruas, através da linguagem oral e escrita, sendo muitas vezes, considerados vândalos, loucos, utópicos; justamente por compreenderem que a palavra tem poder e a poesia é um instrumento que fomenta a transformação social.

uma criança encontra uma pedra  
no chão, entre outras mil pedras  
entre outras um milhão de pedras  
e a pedra encontrada causa um  
alvoroço de palavras  
uma conversa com o amigo

uma pedra que participa  
de uma conversa

é poesia?  
(GRAVATÁ; OLIVEIRA, 2019, p. 57)

## REFERÊNCIAS

- BAFFÔ, Giovani. *Delitos e Deleites*. São Paulo: Edições Maloqueiristas, 2010.
- BALBINO, Jéssica. *Pelas Margens: vozes femininas na literatura periférica*. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- BANDEIRA, Manuel. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- CARBONELL, Jaume. *Pedagogias do século XXI*. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2016.
- \_\_\_\_\_. *A aventura de inovar: a mudança escolar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

- CHOQUE Photos. “Na corda bamba”. *piauí*, Rio de Janeiro, n. 47, ago. 2010. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/na-corda-bamba-mano/>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- COIRO-MORAES, Ana Luiza; FARIAS, Victor V. Medeiros. *O exercício da cidadania: da ágora grega ao site de rede social digital*. *Revista Extraprensa*, São Paulo, v. 11, n. 1, pp. 79-91, 2017.
- D’ÁURIA, Paulo. “Poesia na Faixa República” (vídeo). YouTube, 4 jan. 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/08KcrY88kmc>>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- DORIA apaga grafites em avenida e cria polêmica em SP. *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 jan. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/doria-apaga-grafites-em-avenida-cria-polemica-em-sp-20815081>> Acesso em 20 jun. 2020.
- DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.
- FAVA, Antônio R. “A dialética iluminada de Drummond”. *Unicamp Hoje*, Campinas, 14 a 20 out. 2002, pp. 6-7. Disponível em: <[https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/jornalPDF/194-pag06.pdf](https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/194-pag06.pdf)> Acesso em: 19 jun. 2020.
- FERRAREZI, Celso. *Semântica para a Educação Básica*. São Paulo: Parábola, 2008.
- FREIRE, Marcelino. “Apresentação”. In: ZÊPA, A. *A convivência dos nossos rastros*. Natal: Selo do burro, 2015 [s.p.].
- GOHN, Maria da Glória. “Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas”. *Ensaio*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 50, pp. 27-38, 2006.
- GRAVATÁ, André; OLIVEIRA, Aline. *Poéticas Públicas: tudo se move num território educativo*. São Paulo: Edição dos autores, 2019.
- GUELMAN, Leonardo. *Brasil, Tempo de Gentileza*. Rio de Janeiro: Ed. Instituto Joãozinho Trinta, 2000.
- HILST, Hilda. *Cascos & carícias & outras crônicas: (1992–1995)*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2007.
- LAMBE-LAMBE. WIKIPÉDIA a enciclopédia livre. Wikimedia, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Lambe-lambe>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- LEITÃO, Maria Eugénia. “Em casa de menino de rua, o último a dormir apaga a lua!”. *Jornal Sol*, 19 dez. 2018. Disponível em: <<https://sol.sapo.pt/artigo/639219/-em-casa-de-menino-de-rua-o-ultimo-a-dormir-apaga-a-lua>> Acesso em: 18 jun. 2020.
- MARQUES, Gustavo Souza. *O som que vem das ruas: cultura hip hop e música rap nos duelos de MCs*. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <[https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AAGS-9EAGPX/1/gustavo-alt\\_1\\_\\_1\\_.pdf](https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/AAGS-9EAGPX/1/gustavo-alt_1__1_.pdf)>. Acesso em: 19 jun. 2020.

- MELLO, Raphaela Campos. “Um poeta no meio do caminho”. *Revista Bons Fluidos*, n. 188, nov. 2014.
- MINCHONI, Daniel. “Apresentação”. In.: PEIXOTO, C. (org). *Uma vez poetas ambulantes*. São Paulo: Conecta Brasil, 2013 [s.p.].
- \_\_\_\_\_. “Madrugada, Mano Money’s” (vídeo). Vimeo, 13 mar. 2015. Disponível em: <<https://vimeo.com/122160463>>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- MONTE, Marisa. “Gentileza”. In: \_\_\_\_\_. *Memórias, crônicas e declarações de amor*, Rio de Janeiro: EMI, 1999, faixa 10.
- NASCIMENTO, Roberta Marques do. *A performance poética do ator-MC*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.
- OLIVEIRA, Maria José. “Gentileza nas palavras de um Profeta Urbano”. VIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação, Teresina, 2005. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/89514585589020093895096559391348884726.pdf>> Acesso em: 19 jun. 2020.
- OLIVEIRA, Thais Reis. “Dória é condenado por apagar mural de grafite inaugurado por Haddad”. *Carta Capital*, São Paulo, 26 fev. 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/doria-e-condenado-por-apagar-mural-de-grafite-inaugurado-por-haddad/>>. Acesso em 20 jun. 2020.
- PEIXOTO, Carolina (org). *Uma vez poetas ambulantes*. São Paulo: Conecta Brasil, 2013.
- REDE TVT. *Olhar TVT Slam Resistência*. YouTube, 19 maio 2017. Disponível em: <<https://youtu.be/MwROafzFop0>>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- RIBEIRO, Lu’z. “Poemas e processos sobre invisibilidade”. In: *Melhor dia da nossa vida*. YouTube, 22 abr. 2019. Disponível em: <<https://youtu.be/2LTNhWDrCE>>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- SANTIAGO, Emerson. “Repente”. *InfoEscola* [s.d.]. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/musica/repente/>>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- SÃO PAULO. WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Wikimedia, 2020. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/São\\_Paulo](https://pt.wikipedia.org/wiki/São_Paulo)>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SERIGRAFIA, Verbetes Kirigami e Jianzhi. WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Wikimedia, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Serigrafia>>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- SILVA, Hertha Tatiely. *Desvios: cartaz lambe-lambe, comunicação visual e arte nos espaços de trânsito*. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/5390>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

- SLAM Interescolar: “Das ruas para as escolas, das escolas para as ruas!”. *Tô no rumo* – Ação Educativa, 28 jan. 2019. Disponível em: <<http://www.tonorumo.org.br/2019/01/slam-interescolar-das-ruas-para-escolas-das-escolas-para-ruas/>>. Acesso em: 18 jun. 2020.
- SOUZA, Ana L. Silva. *Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/269280>>. Acesso em: 15 ago. 2018.
- TRAMA TV. *Caju e Castanha*: DVD ao vivo no CTN – No rep ou no repente. YouTube, 2 fev. 2009. Disponível em: <<https://youtu.be/a9i6v6qxqyM>>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- ZÊPA, Anna. *A convivência dos nossos rastros*. Natal: Selo do burro, 2015.